

AS RAINHAS DA FORMOSURA PARAIBANA



Senhorita ESTHER MENDONÇA

2.º LOGAR DO CONCURSO DE BELLEZA
DESTA CAPITAL (ELEITA POR 2.768 VOTOS)

A redacção não se responsabiliza por idéas e conceitos
expendidos nos artigos de seus colaboradores.

ANNUNCIOS previamente justos com o director-commercial da Revista

SUMMARIO

- I — Anna Bolena — *José Americo de Almeida*
- II — Impressões de Momento — *Castro Pinto*
- III — Governo de Pernambuco — *Redacção*
- IV — Concurso de Belleza — *Redacção*
- V — O centenario da Independencia — *Redacção*
- VI — Como se deve castigar a mulher — *A. Beltherm*
- VII — Madrigal de um louco — *Da Costa e Silva*
- VIII — Sonetos de Emygdio de Miranda
- IX — Funcionarios do Fisco — *Augusto Belmont*
- X — Administração honrosa — *Oscar Walter*
- XI — Argentina-Brasil — *Redacção*
- XII — Pelo mundo dos desportos — *Redacção*
- XIII — «Os irmãos Marçal»
- XIV — José Peregrino entre a Pintura e a Historia — *Cariola-
no de Medeiros*
- XV — «Clube do Remo» — *Lauro Montenegro*
- XVI — Dr. Carlos D. Fernandes — *Redacção*
- XVII — Memorias de um antepassado — *Da Silva e Mello*
- XVIII — Rediviva (Soneto) — *Peryllo de Oliveira*

ASSIGNATURAS

Anno — 145000 / Anno — 185000
Folhas — 105000

"Vender barato, para vender muito"

É O LEMMA POR QUE
SÃO PREFERIDOS OS MOVEIS

— DA —

SERRARIA MAUARO

F. Navairo & Filho

MACIEL PINHEIRO, 452.

PARAHYBA DO NORTE

FABRICA POPULAR

DE FERREIRA AMORIM & C.

CASA FUNDADA EM 1875

Toda movida por Electricidade

Especialistas das afamadas
marcas de cigarro:

Delfosos, Populares, Epitacio Pessoa, Santos Dumont, Amorim, Simão Lual,
18, Isis, Smart, Dulce, Dalva, Mary, Guarany, Perolas Finaes, Mercos, Palha, Cor-
tiça, Hilla, Commercias, 5 de Agosto, Globo, Vencedora, Condor, Victoria, Promidento
Wilson, Perlitos, Lucy, Pernambucanos, Diva, Dantas Barreto, Castro Pinto, Solon de Lucena,
Nabuco, Progresso, Bugusta, Ambreados, Cigarriños Bahianos, Electra, Brazil Club, Mariotte, Va-
nancio Neiva, Albertine, Chumbados, Roque, Venturosos, Mamele, Victoriosos, High-Life, Daniel, Da-
hoados, Estrella, Orion, Circulares, Mascotte, Fidalgo, Santo Antonio, Dote Amigos, Sem Rival, e outras
innumeras marcas. — Fabricados com fumos de primeira qualidade.

Mantêm sempre grande stock de charutos dos melhores fabricantes da Bahia,
e variados artigos para fumantes, os mais exigentes.

Endereço Teleg.: POPULAR

CAIXA DO CORREIO, 58.

RUA MACIEL PINHEIRO N. 133

PARAHYBADO NORTE

PREFIRAM A

"PHOTOGRAPHIA COLOMBO"

Compra e vende MACHINAS PHOTOGRAPHICAS USADAS

NO BECO DO ROSARIO, 119.

SA' LEITÃO & C.

ARMAZEM DE FERRAGENS — FUNDADO EM 1872

65—RUA M. PINHEIRO—65

PARAHYBA DO NORTE

End. Telegraph.: **BALISA**

Grande Armazem de Miudezas e Perfumarias

CARVALHO BASTO & C.

Importadores de mercadorias nacionaes e estrangeiras

End. Telegr. — **ALZIRA.** — — — Caixa Postal, 98 — — — Telephone n. 263.

91 — Rua Maciel Pinheiro — 91. ★ **PARAHYBA DO NORTE.**

Armazem de Estivas,
Louças, Vidros e
Exportação de Assucar

DE

BENJAMIN FERNANDES & C.

CAIXA POSTAL N. 3 — CODIGO — RIBEIRO

Endereço Telegraphico — **FERNANDES**

Praça Alvaro Machado, 16.

PARAHYBA DO NORTE

GRANDE ARMAZEM DE ESTIVA

F. H. VERGARA & C.^{IA}

VIDEOS DE TODAS AS QUALIDADES

Kerosene, Arame farpado, Ma-
deiras, Salitre,
Enxofre e Cimento.

TODOS OS ARTIGOS DO RAMO DE ESTIVA

DEPOSITO PERMANENTE LE FARINHA DE TRIGO

Serraria, descascamento de arroz
a vapor, Retinação de
assucar, Torrefação de café e Fa-
brica de cigarros.

Filias em Campina Grande e Guarabira

Praça Alvaro Mach do, 6.—R. Desemb. Trindade, 14
e 16.—Praças Santos Dum nt e 15 de Novembro.

End. Tel. **Vergára**—Parahyba

ANNA BOLENA

Eu não sou um frequentador assíduo de cinemas—um habituado, um freguez, como se poderia dizer 'em vernaculo'. . . Sequer no tempo em que um dos nossos presidentes assistia, invariavelmente, a essas exhibições, cujas cenas de drama ou de comedia recontava, tambem invariavelmente, no dia seguinte, á roda embevecida dos palacianos, nem nessa quadra fugidia de minha convivencia governamental adheri á arte muda.

A propria apologia de Ruy Barbosa a essa diversão deixou-me indifferente. Sou accessivel ao poder de suggestão desse genio da raça em materia politica, literaria, juridica, etc. mas, em artigo de *fitas*, tenho opinião propria. Ellas não me suggestionam nem directa nem indirectamente.

E creio na força educativa dessas representações. Sua impressão de realidade como que nos transporta a todos os meios e nos familiariza com todos os costumes para effeitos de observação e de estudo que não podem ser alcançados *in loco*.

A cinematographia é tambem um instrumento de diffusão de conhecimento e propaganda de idéas.

Mas a regra tem sido sua influencia corruptora.

A voga dos falsos heróis, dos bandidos do *farwest* é um envolvente reclamo de crime. Tom Mix, o homem das duas pistolas, é um idolo que as imaginações predispostas a essas cavallarias almejam realizar na vida real. A lei da imitação é de uma grande verdade psychologica.

Tenho observado o frenesi com que a peti-

zada acompanhava essas proezas de armador.

Nunca mais me esqueceu o delirio com que um menino de cerca de onze annos seguia os lances de um *film* de guerra. Num certo ponto, o espilho fóra assaltado por um vigilante molosso. Travara-se a luta corpo a corpo. O

SOCIAES



Senhorita HELENA BEIRIZ, filha do sr. José da Costa Beiriz, empregada da Imprensa Official.

pequeno batia as palmas, ergueu-se, avançou em direcção da tela e chegou, na demencia do entusiasmo, a estumar o canino patriota com gritos que provocaram geral hilaridade: «Pe-ga, collega! morde, collega!».

E' explosiva a excitabilidade infantil.

Ha pouco tempo organizou-se, em Guarabira, u'a *mão negra* de menores que operou contra creadinhos e outras pessoas inermes. Era uma sucia de para mais de vinte garotos

e filhos familias que arremedavam nos seus ensaios criminosos a tactica das *fitas* de aventura.

Occorrem-me estas considerações a propósito do *film* ANNA BOLENA, exhibido, recentemente, nesta cidade.

Esse nome feminino é um symbolo de intriga e de maldade.

E' usual essa encarnação de crimes ou de virtudes em figuras historicas ou da ficção. *Messalina*, *Nero*, *Petronio*, *Pacheco* são termos communs de comparação. Mas de todos esses Anna Bolena talvez seja o de emprego mais popular com applicação a ambos os sexos.

Estamos numa phase de reabilitações que tentam absolver o proprio Calabar. A lenda tem a tendencia de deformar a verdade que, nestas condições, difficilmente pôde ser restaurada, como no caso da papisa Joana, do dito de Cambrone, etc.

Era natural que todos procurassem ver na realidade das scenas essa personificação de cho-calhice e da cizania. Eu fui apenas verificar se a reconstituição artistica era fiel á historia ou se, ao revés, se inspirava na tradição. Porque poucas figuras do passado me impressionam tanto quanto essa desditosa mulher, que, sobre as contradicções de seu destino, ainda guarda na memoria o estigma injusto.

Ella é um exemplo da belleza fatal que, assim como accendeu a guerra de Troia, mudou a face politica, social e religiosa de uma nação.

Não a acompanharam os augurios sinistros de Maria Antonietta com quem tem, aliás, certas affinidades em tendencias de espirito e no

mesmo fim trágico. Sabe-se que a filha de Maria Teresa nasceu dia de finados, no mesmo anno do formidável terremoto que abalou as cidades de Lisboa, Constantinopla, Cairo e Quito. Por occasião de seu casamento, em Versalhes, desabou uma violentíssima tempestade sobre a cidade, a ponto de prejudicar todo o programma das festas. Quando Paris comemorou essas bodas, armou-se um conflicto entre o povo aglomerado, de que resultou horrível carnificina; mais de mil mortos e cento e trinta e dois feridos! Tudo lhe presagiava os dias do terror. Foi, talvez, essa fatalidade communicativa que gerou a revolução...

Anna de Boleyn ou de Boulén teve uma mocidade radiosa. Levada, na idade de sete annos, para a corte da França, na companhia da rainha Maria Tudor, quando esta foi desposada por Luis XII, floresceu nesse centro de cultura social em todo o esplendor de seus encantos e de suas graças nativas. A sedução de sua formosura juntaram-se os ornamentos do espirito francês.

Aos dezoito annos regressou á Inglaterra e incorporou-se á corte da rainha Catharina de Aragão.

Henrique VIII tinha, além de tudo, o prestigio de suas brilhantes qualidades de intelligencia e de educação physica. Casado com a viúva de seu irmão Arthur, por dispensa especial do papa Julio II, não era um marido exemplar. Já houvera um filho da dama da honra da rainha—Isabel Blount.

Vivia a corte numa ostentação continua de bailes, mascaradas e torneios em que se desperdiçavam as economias do sovina Henrique VII.

Era nesse ambiente faustoso e frívolo que esplendiam as prendas de Anna Bolena.

O rei enamorou-se desses dons peregrinos. E ali começou a prova das virtudes da filha de Thomás Boleyn com um relevo que a arte allemã não deixou de salientar. A historia confirma a sua resistencia aos desejos de Henrique VIII.

Disse-lhe ella, naturalmente, na contingencia de ceder, como outras tantas a quem se attribue esse dito, que o caminho para alcançar seu coração era o da igreja.

A fita introduz, nesse ponto, como obstaculo ás pretensões reaes, um certo cavalheiro Henrique Norris, cuja existencia historica desconheço.

Henrique VIII tudo sacrificaria por essa conquista. Seu amor passou a ser uma razão de Estado. Apoiado no Levítico que, a seu juizo, prohibia o casamento entre cunhados, pretendeu que a curia romana annullasse a bula de Julio II, que permittira seu matrimonio. Esgotou-se a diplomacia de Wolsey e não foi obtido o divorcio. Thomás Chranmer, arcebispo de Canterbury, annullou, afinal, o casamento do rei com Catharina de Aragão e decla-

São conhecidos os lances e as consequencias desse choque do poder temporal com o espirital: a ruptura da Inglaterra com a igreja de Roma, a execução de Thomás Moro, as cruentas perseguições movidas por forças das *Treason laws*, etc.

A belleza fatal desencadeara, involuntariamente, uma serie de crimes, cujo delirio bem cedo a atingiria, estabelecendo um precedente para outros attentados.

Foi curto o seu dominio. Henrique VIII an-

“ERA NOVA” NO RIO



Milé Heloysa Maia, da sociedade carioca

siava por um filho varão. Do consorcio anterior restava-lhe apenas a princeza Mary, expulsa do palacio. Mas Anna Bolena teve a desdita de dar á luz uma menina. Mal sabia o monstruoso paé que aquella criança seria a grande Elisabeth, a matadora de Maria Stuart, a herdeira de suas qualidades de intelligencia e de caracter—a rainha que escarrava nas roupas dos aulicos mal vestidos e beijava, perante toda a corte, o duque d'Alençon, o anão disforme, filho de Catharina de Medicis.

Quando Maria Teresa estava grávida, fez uma aposta com o conde de Tarouka, o qual sustentava que ella daria á luz um archiduque. Nasceu, porém, Maria Antonietta. O conde deu, por isso á imperatriz, uma eta-

*Io perdi: l'Augusta Figlia
A pagar m'ha condannato;
Ma se è ver che a Voi somiglia,
Tutto il mondo ha guadagnato.*

Vae em italiano, como a colhi na *Historie e Leggende*, de L. Cappelletti, porque, em materia de poesia, já me não abalanço sequer ás versões.

Não acudiu a nenhum Metastasio inglês semelhante lisonja que teria, talvez, salvado a pobre mãe, embora sacrificasse, com o ultimo verso, a justiça da historia.

Mas o rei já andava embeicado por Jane Seymours... E, sob a falsa inculpação de incesto e libertinagem, Anna Bolena trocou o throno pela torre de Londres, onde foi executada.

Foi uma victima de sua propria belleza.

Mas donde nasceu a lenda de intriguista que lhe tem acompanhado a memoria através dos seculos? E' que ella favoreceu o protestantismo e alguns escriptores catholicos não lhe perdoaram essas preferencias.

Mas a arte não logrará reabilitá-la na representação de martyr.

Os espectadores saíram, naturalmente, a murmurar:

E' fita...

JOSÉ AMÉRICO DE ALMEIDA

A MUSICA E A DIGESTÃO — O dr. J. R. Heath, medico e amator musical muito conceituado na Inglaterra, é de opinião que a musica, quando adequada aos successivos pratos d'uma refeição, pode constituir um auxilio precioso para as funções digestivas. Nesse sentido, elle proprio compoz um menu-programma, cujas combinações gastronomicas e musicas — diz a *Menestrel* — deliciaram os clientes do Savoy Hotel. O dr. Heath recommenda que se reservem para o assado as arias amorosas. Um trecho da *Symphonie pathetique* vae perfeitamente com os doces; e chegado o momento do charuto deve a orchestra executar qualquer coisa de «doce, intimo e vaporosamente meditativo.»

OS IMPOSTOS NA ALLEMANHA — Criticando o plano das taxas sobre os lucros commerciaes, o dr. Helfferich, que as julga muito pequenas, disse que aquelles impostos não afastarão as difficuldades da Allemanha deante das reparações e não cobrirão o deficit interno. Sem uma taxa minima de 80 % como na Inglaterra, disse aquelle financista, esse auxilio será inefficaz.

Devido á depreciação do marco, o govêrno nomeou uma commissão para estudar a praticabilidade da revisão das tarifas, com a criação de uma forte sobre-taxa.

O chanceller Wirth informou o Reichstag sobre os resultados das conferencias com a commissão de reparações.

O sr. Popitz, director do departamento do Ministerio de Finanças, expôz o calculo sobre as rendas de 1922, de accôrdo com a nova taxaço, sendo o total das mesmas de 95 bilhões de marcos, ou 1.500 mil milhões de

IMPRESSÕES DE MOMENTO

Rio, 8 de setembro de 1922.

AS SUB-PÁTRIAS. — A sorte das collectividades, como a dos indivíduos, tem suas ironias, algumas dellas amargas, outras simples galhofas, extravagancias de temperamentos.

Em qual dessas duas categorias o leitor classificará a idiosyncrasia regional das chamadas pátrias paulista, rio-grandense, com outros particularismos irritantes, como sejam a Amazonia, o Norte, etc., significando impulsos morbidos de separação e desmembramento?

Ultimamente, nos cafés, nos bondes, nos grupos estacionados na via publica, em toda a parte, fala-se e discute-se a tendencia emancipacionista de São Paulo.

O Brasil é São Paulo, o grande Estado é uma sub-nação (como os neologismos estragam uma ideia, transformam o raciocinio!), está se sacrificando pelo resto do paiz anarchisado e empobrecido.

Quando o civismo assume tão pronunciadamente esse cunho regional, a paixão vai além da normalidade por importar em um certo desprendimento do que diz respeito à patria commun.

«O Brasil é São Paulo, é uma phrase que de repisada se vai tornando um estrebilho de mau gosto.

São Paulo é a primeira das unidades federativas do Brasil, mas não é o Brasil e está muito longe de ser-lhe equivalente e sobretudo no que concerne à historia.

O coefficiente aduaneiro de Santos só é parte aliquota na nossa balança commercial, no que se prende dos saldos ou dos deficits do nosso commercio internacional.

Mas o café, nos annaes da nossa historia, é um dos capitulos subalternos, sem relevo para ser visto ao lado dos mais insignificantes episodios da chronica dos bandeirantes ou das guerras holandesas.

Pernambuco, salvando a nacionalidade incipiente, Rio Grande do Sul, de sentinella ás nossas fronteiras, Minas, fundando a nossa emancipação litteraria, Ceará, dilatando o noroeste do paiz, Maranhão, enchendo a galeria dos nossos grandes intellectuaes, ao lado da Bahia e de Sergipe, não se acham um ponto sequer atrás de São Paulo.

É um povo é a sua propria historia, vivem na fé que anima o seu presente e prepara o seu futuro; é isto, e mais pouca cousa.

Porque, o café pôde chegar ao arrasto da borracha, o cacau pôde reduzir-se a um quasi nada, o algodão subir a uma prosperidade nunca vista, o assucar reconquistar a perdida situação de aureos tempos; e a patria brasileira será a mesmíssima, se da alma do nosso povo não sahir, como a ultima chamma das

lampadas em que se extingue o oleo alimentador, a fé que lhe vem da historia, a energia superior dos Vidal de Negreiros, dos José Bonifacio, dos Osorio ou dos Floriano.

Essa alma de força grandiloqua e de luz irradiante não se encolheu nas divisas de São Paulo, nem vibra mais entre paulistas do que entre bahianos, é a mesma nesta metropole e

em realidade objectiva ao gesto internacional desse abraço fraterno?

Nem Pernambuco, esse pantheon de glorias immarcesciveis, nem Bahia, a mãe prodiga de heróis, de sabios e poetas, nem o Rio Grande, a legião sagrada dos bravos que tantas vezes salvaram o Brasil, nem mesmo São Paulo, a terra dos Andradas, de Bartholomeu de Gus-

EM CATOLÉ DO ROCHA



EDIFÍCIO DO CONSELHO MUNICIPAL.

no Acre, surge com as mesmas claridades de uma aurora no horisonte, incutindo vida, deramando calor, inspirando coragem, tanto nos sertões adustos do Nordeste como nos cafesaes opulentos do nobre e rico São Paulo, o leader da Federação, que sem ella seria uma republiqueta, quasi sem historia, á matroca, no esphacelamento da patria, sob o dominio de uma olygarchia truculenta ou aniquilhado por lutas intestinas.

Viva São Paulo, nosso orgulho e honra, mas São Paulo Brasil, como é Brasil a Parahyba, como é Brasil o Espirito Santo, ou mesmo o recanto selvagem do Amapá, cuja integridade é a do Brasil inteiro.

Querem provas? Vinde ao Rio de Janeiro, olhae para a bahia portentosa do Guanabara, e admiraes os grandes navios de guerra, estrangeiros, hoje unidos em uma formidavel esquadra com os da nossa esquadra, para saudarem á gloria da Patria que um paulista, com outros denodados, fundou ha cem annos. Qual é o Estado que poderia corresponder

mao e Carlos Gomes, a terra opulenta e progressista, a laureada mestra da politica republicana a guiar as suas irmãs envaidecidas dessa consanguineidade, daria pela separação um arremedo da patria que é este grande Brasil.

Fôra dos enthusiasmos expontaneos do bairrismo paulista, o que na consciencia de cada um daquelles patricios se affirma como alto preceito de moral patriótica, é um soliloquio de amor patrio, como nol-o insinuaria Camões: «Orgulho-me de ser paulista, porque, sendo paulista, sou brasileiro».

É inadmissivel que falando a lingua do grande epico, o genio que desde a mais remota antiguidade ensinou em versos immortaes o que seja patria, se profiram no Brasil dessas heresias: patria paulista, patria riograndense, havendo até quem se lembrasse em futurisar a Amazonia, como uma nova patria, tirando-nos do mappa o Rio-mar, para fazel-o uma patria entre as colias norte-americanas.

Castro Pinto

GOVÊRNO DE PERNAMBUCO



Dr. Sergio Loreto

Dias turvos, com perspectivas de graves luctas, envolveram todo o Estado de Pernambuco quando se esperava o choque dos dois partidos que disputavam a governança do Estado. Infelizmente, pessoas não de todo alheias á politica pernambucana, sequiosas de posição, não trepidaram em jogar aquella prospera unidade da Federação o vortice das luctas, criando vidas e tingindo de sangue as mãos num combate fratricida.

Quando mais acceso, quando mais intenso era o exodo da familia recilense, motivado pelos acontecimentos já desenrolados, dois espiritos, verdadeiros enviados da paz, promoviam todos os meios possiveis de evitar a hecatombe com a apresentação de um candidato capaz de rumar os destinos de Pernambuco e collocar-o no lugar que sempre occupou no concerto dos Estados. Esses dois nomes que para sempre ficarão ligados á historia pernambucana são o dr. Octavio Tavares e o Deão Pereira Alves. E' a elles que devemos não estar Pernambuco, no anno que comemoramos a nossa independencia politica, a braços

com uma das mais graves commoções intenas de que jamais for a presa outro Estado da União.

E' a elles que os pernambucanos devem a escolha desse magistrado recto, que é o dr. Sergio Loreto, para dirigir os seus destinos.

Escolhido por um accôrdo firmado entre as duas actuaes correntes politicas, o dr. Sergio Loreto foi sagrado governador do vizinho Estado do sul nas eleições realizadas no dia 5 o mez p. p., sendo hoje o homem para quem estão voltadas todas as esperanças dos pernambucanos.

S. exc. será, de certo, o continuador da obra grandiosa de congraçamento da politica de Pernambuco, que teve como iniciador o saudoso dr. José Bezerra.

Surgido uma epoca de incertezas, a s. exc. certamente, sobrevirão obstaculos, os quaes, é de esperar, serão removidos, dada as tradições de integridade e energia que o acompanham.

O dr. Sergio Loreto vai para o govêrno de Pernambuco coberto de bençãos de todo o seu povo.

OS MORTOS

D. Silverio Pimenta

O clero e as leiras nacionaes acabam de sofrer uma irreparavel perda com o fallecimento do exmo. revmo. d. Silverio Pimenta, arcebispo de Marianna, Minas Geraes, e um dos maiores classicos da lingua portugueza.

Sacerdote de pulchras virtudes e possuidor de pujante talento, d. Silverio era um nome acatadissimo dentre as personalidades mais illustres do nosso paiz.

Membro distincto da Academia Brasileira de Letras, entrara o virtuoso ministro de Deus, para fazer parte dessa assemblêa dos intellectuaes culminantes do paiz, o anno atrazado, com uma bagagem literaria que muito o recommeodava.

O extinto era na actualidade o maior orador sacro brasileiro, sendo ainda vibrante jornalista, como bem se affirmou com a publicação de brilhantes artigos de defesa á egreja catholica, e ainda escriptor primoroso. A sua obra principal é *A vida de d. Vicoso*.

Esse prelado eminente, que em todos os momentos soube honrar a sua classe com o prestigio irradiador de sua personalidade, representava com relevo notavel a tradição do catholicismo patrio.

Seu fallecimento fez-se notar com funda tristeza não só no seio de sua ordem religiosa como tambem em todas as classes sociaes do paiz, que reconheciam em d. Silverio um grande brasileiro.

E' com a maior consternação que traçamos este registo lutooso, enviando as nossas condolencias sinceras á egreja catholica, ao paiz e á familia do morto.

STA. CORINA CORREIA LIMA: — Succumbiu três-ante-hontem nesta capital a senhorita Corina Correia Lima, moça de invulgaes predicados de coração e aprimorada educação artistica e litteraria.

Mlle. Corina era filha do dr. Lyndolpho Correia, actual director do Lyceu Parahybano, e irmã do nosso presado collaborador dr. João da Matta tendo fallecido a uma pertinaz molestia para cuja debelação foram improficuos os esforços dos melhores medicos do Rio de Janeiro, aonde ella procurara recursos no anno p. passado.

Enviamos a illustre familia Correia Lima as nossas sentidas condolencias.

No dia seis de setembro p. findo, succumbiu nesta capital, no lamentavel desastre da lancha "Tavares de Lyra", o distincto cava-lheiro sr. Carlos Hess.

Era o desventurado morio natural de Zurich, Suissa, onde tem a sua familia, estando no Brasil ha alguns annos.

Condolenciamos a familia Hess e a colonia suissa nesta capital, representada na pessoa do sr. Eduardo Stuckert, vice-consul da Suissa neste Estado.

Concurso de beleza

SUA ÚLTIMA ETAPA NA PARAHYBA — O PREMIO DA "ERA NOVA"

Encerrou-se, finalmente, com um exito que nos enche da maior satisfação, o concurso de beleza do Centenario que, na Parahyba, sob os auspícios desta revista, foi por algum tempo objecto da mais carinhosa attenção do nosso povo, quer na capital, quer no interior do Estado.

Para a victoria deste lindo certamen nacional com que a «Revista da Semana» e a «Noite», do Rio quizeram constituir um dos episodios sobremodo graciosos das festas dos grandes dias de setembro de 1922, diz-nos a consciencia que fizemos o que estava nas nossas possibilidades. «Era Nova», tanto quanto pôde, concorreu para dar um logar de destaque á Parahyba, nesse torneio, revelando lá fora o estalão da formosura feminina de nossa terra.

...

Depois do jury realizado, ha dias nesta redacção, com a assistencia mais distincta de pessoas da nossa culta sociedade, que fizera, com o maior criterio, a eleição das cinco parahybanas mais bellas, effectuou-se, a 24 de setembro findo a festa final do concurso de beleza na Parahyba, festa que consistiu na entrega do premio com que «Era Nova» homenageou a excellentissima senhora Stella Caçador Stäbel que alcançou o primeiro logar neste pleito de formosura.

Foram umas horas encantadoras as dessa reunião em casa do sr. Arminio Stäbel, como poderão ver os nossos leitores pela noticia subsequente publicada pelos nossos distinctos confrades d'«A União»:

«Domingo, ás 15 horas, na elegante vivenda do sr. Arminio Stäbel, á avenida S. Paulo, foi levada a effecto, numa festa intima, mas verdadeiramente linda e encantadora, a entrega do premio com que a brilhante revista *Era Nova* traduziu a sua homenagem á gentilissima senhora Stella Stäbel, a vencedora, em primeiro logar, no concurso de beleza, realizado ultimamente, com o mais ruidoso exito, na Parahyba.

Foi assim que demos um esplendido attestado da nossa cultura esthetica concorrendo com o melhor do nosso entusiasmo para a effectuação desse grande e importante certame nacional commemorativo do Centenario.

Nesta capital, de feito, o pleito, sob os auspícios daquelle nosso prestigioso magazzino litterario, correu animadissimo, tendo, final-

mente, na festa de ante-hontem, um remate positivamente digno da significação e da finalidae dessa memoravel justa de belleza.

A' hora acima, chegava em automovel á residencia do distincto casal Stäbel a comissão dos representantes da *Era Nova* constituida pelos seus directores Severino de Lucena e S. Guimarães Sobrinho, seu redactor, bacharelado Vieira d'Alencar, e os srs. academico Horacio de Almeida, dr. Assis e Silva,

EM PEDRA DE FOGO



Senhorita NAUTILIA GOMES—um dos bellos ornamentos sociaes.

Edgard Dantas, Francisco Benevides, M. Vianna e José Pessoa.

Alli chegados, foram recebidos gentilmente por mme. Stäbel e um grupo gracioso de senhorinhas presentes á reunião. Os salões da elegante habitação apresentavam o aspecto da mais apurada distincção e requintado bom gosto.

Servido o champagne fez uso da palavra o joven intellectual Guimarães Sobrinho, que, em nome da *Era Nova*, saudou a excellentissima senhora Stäbel, numa formosa oração que foi bem um primor de arte litteraria, pelo brilho e calor dos seus conceitos e pelo sabor attico que lhe soube dar aquelle nosso confrade. Perorando, disse o orador:

«Assim, gentilissima senhora, vimos trazer-vos agora a nossa definitiva homenagem, nesta singela festividade com que *Era Nova* remata

a pugna brilhante e esplendida que merecidamente vos sagrou, pelas vossas prendas e pelo vosso encanto, pela seducção do vosso espirito e pela nobreza das vossas virtudes e, em fim pelo conjunto das vossas perfeições fascinadoras de mulher, vos sagrou, dizia eu, a dona, a rainha altissima do solio de belleza da minha terra.

Fiamos em que a vossa bondade não pede, nesta hora, contas do valor desse preito, humillimo nas suas proporções, mas grande e eloquente na sua intenção, porque se eleva na sinceridade e na alegria com que o fazemos, enaltecidos pelo vosso triumpho, que é novo, bem da nossa gente, da nossa raça, e, muito particularmente, com justos motivos de orgulho, desta pequenina, mas linda e grande Parahyba.

Avé senhora! bendita sois pelas vossas graças!...

Esta oração deixou o auditorio magnificamente impressionado.

Depois de uma hora de palestra do melhor tom, foram os circumstantes convidados para um chá durante o qual foram servidas as mais finas e delicadas friandises, havendo entre todos intensa e communicativa cordialidade.

Por ultimo, ao champagne o jornalista Vieira d'Alencar, ainda pela *Era Nova*, ergueu a sua taça em honra ao casal Caçador-Stäbel, num bello brinde votivo. Agradecendo, o sr. Arminio Stäbel, pronunciou rapidas palavras hypotecando a sua fucda admiração á gente moça da *Era Nova*.

Agora, com esta marca de fidalguia, realizou-se esta festa d'arte que veio coroar do melhor exito esse torneio encantador e de delicioso gosto no qual foram sagrados os tipos mais primos da belleza feminina de nossa terra.

REJUVENESCIMENTO

Por força de involuntario descuido da parte da revisão desta revista, foi o artigo acima estampado com varios erros typographicos, cuja rectificação, para logo, se impõe á intelligencia do mais mediocre leitor.

Pedimos desculpas ao seu auctor, o nosso prezado collaborador dr. Elpidio de Almeida, por aquelles deslizes que tanto afeiraram o seu bem feito trabalho.

PARAHYBA AGRICOLA:—Rerebemos o ultimo numero da «Parahyba Agricola», editada em commemoração ao Centenario.

Felicitamos os nossos confrades deste util mensario p-la esplendida edição que acabam de lançar á publicidade

O Centenario da Independencia

A passagem do 1.º centenario de nossa independencia politica, que nos veiu patentear, mais uma vez, o magno feito da nacionalidade brasileira, foi commemorada brilhantemente em todo o paiz.

As numerosas solennidades que se realizaram em homenagem á insigne data de 7 de setembro deixaram fundo, no espirito do nosso povo, a noção perfeita e a idéa nitida do entusiasmo, patriotismo e amor civico de todos os brasileiros, postos á mostra nessa hora de grande jubilo e confraternizações nacionaes.

Não foi sómente em terras patrias que se festejou faustosamente o primeiro seculo de nossa emancipação dos dominios portuguezes.

Diversos paizes amigos celebraram imponentes, significativas ceremonias em regozijo ao centenario, enviando á metropole brasileira luzidos e illustres embaixadores extraordinarios, a fim de demonstrar a todo o mundo o apreço inesimavel que têm para com a nossa patria e a existencia de laços da mais solida e cordial sympathia.

As nações portugueza, norte-americana, mexicana e japoneza foram as que mais brilhantemente homenagearam o Brasil por occasião de commemorar o seu centenario de independencia.

Entre nós festejou-se brilhante e patrioticamente esse grande acontecimento nacional, realizando-se ceremonias publicas promovidas indistinctamente por todos os parahybanoes. No interior do Estado foram innumeradas as solennidades levadas a effeito.

Aqui, na capital, as festas centenarias excederam á expectativa geral de todos nós, muito concorrendo para que ellas attingissem o grão de scintillancia a que chegaram, a operosidade, dedicacão e illimitado apoio de senhoras, senhorinhas e cavalheiros de nossa melhor sociedade.

Conjugados harmoniosamente os esforços e boa vontade de todos para que a Parahyba commemorasse condignamente a passagem do centenario, o resultado, como era de esperar, foi excellent.

Dentre as festas do centenario realizadas nesta capital cumpre salientar o prestito civico de 5.000 creanças, o concerto na Escola Normal, o *match* interestadual de foot-ball entre o «Cabo Branco» e o «A B C», as regatas e natação do «Club do Remo», a parada militar, as festas publicas das praças Comendador Felizardo e Venancio Neiva e outras muitas solennidades que não nos occorrem neste momento.

Ainda em commemoração ao 7 de setembro, todos os jornaes desta cidade deram edições especiaes, com dados e trabalhos interessantes sobre este grandioso acontecimento e sobre o desenvolvimento da Parahyba de 1822 a 1922, sob todos os aspectos.

A terra parahybana soube salientar-se nos festejos commemorativos do centenario, os quaes foram mais uma affirmacão eloquente do civismo e patriotismo que tanto nos caracterizam.

Dr. Pinto Pessôa

Foi nomeado sub-director tecnico da repartição geral dos telegraphos, em cujo cargo já se acha empossado, o dr. João Pinto Pessôa.

Engenheiro notavel, e a vem de ha muito se impondo á mais alta confiança do governo da Republica, que lhe ha, assim, premiado o seu merecimento, a sua invulgar capacidade



de trabalho, demonstrada nas varias e importantes commissões que tem desempenhado.

O dr. Pinto Pessôa chefiava ultimamente o districto telegraphico de Pernambuco, funcções que exercia simultaneamente com as de superintendente do trafego telegraphico do Norte.

Foi nesse posto que o governo foi buscado para a chefia do departamento tecnico dos telegraphos.

Esta revista, que tem a subida honra de o contar no numero dos seus amigos, ha sido abrilhantada com a sua collaboracão, em que as mais fulgentes facetas de seu espirito têm sido postas em forte evidencia, denunciando um notavel temperamento de artista e escriptor.

A «Era Nova», que lhe estampa o retrato, saúda ao dr. Pinto Pessôa e formula os melhores votos por que possa dar ás novas e elevadas funcções em que ora o investiu o governo o gallardo desempenho das suas commissões anteriores, que têm constituido uma série brilhante de conquistas na sua vida publica.

S. Guimarães Sobrinho

E' com o mais sincero jubilo que vemos, de novo, entre nós, lado a lado connosco nas luctas em prol dos nossos idéaes, o nosso talentoso e prezado companheiro S. Guimarães Sobrinho que, por motivo de alteracão na sua saúde, se achava afastado de nós, ha dois mezes. Depois de uma villegiatura, durante esse tempo, na cidade de Bananeiras, volta o nosso querido director inteiramente refeito e, deste modo, prompto para, reassumindo o seu posto na *Era Nova*, continuar a dispensar á nossa revista o melhor do seu carinho e do seu prestigio intellectual.

Sentimos, dest'arte, a mais intensa alegria registando hoje, o regresso do brilhante confrade á nossa companhia.

«A Novella»

Intitula-se *Fome* a ultima publicação deste mensario e é da lavra do nosso estimado confrade de imprensa dr. Adhemar Vidal.

Com esta obra de estrêa o joven intellectual parahybano revela-se um estudioso do nosso regionalismo através de um estylo simples e conciso.

A figura central da novella é Rodrigo, mas a que está mais psychologicamente desenhada é a de Camuto, o simulado maluco, que preferiu tomar essa attitude ridicula a assistir com perfeito senso a macluação de seu lar.

O romancete do sr. Adhemar Vidal está dividido em seis capitulos, sendo o unico da *Edição Filippêa*, cuja extensão corresponda aos moldes dos trabalhos deste genero.

Felicitemos o novel conterraneo pela sua auspiciosa estrêa, cujo julgamento está sendo feito pela critica indigena.

DEPUTADO ASCENDINO CUNHA

O dia 17 de setembro findo assignalou a data anniversaria do deputado Ascendino Cunha.

Figura prestigiosa na politica parahybana, o nosso digno representante vem sendo, pela operosidade e cultura de seu espirito, um dos membros mais em relevo no congresso nacional.

Não é somente o nosso digno representante um esclarecido parlamentar, é tambem vibrante paladino dos nossos interesses por cujo exito elle se empenha com desvelado carinho.

Valemo-nos do ensejo do transcurso daquela grata ephemeride, para endereçarmos ao congressista parahybano os nossos cumprimentos votivos de felicidades.

Como se deve castigar a mulher

Como se deve castigar a mulher?

Se esta these fosse apresentada a um Congresso de Juristas, poderia parecer, á primeira vista, uma coisa extravagante, pois que a mulher delinquente é, perante a lei, igual ao homem delinquente. O castigo feminino, porém, não se reduz sómente á repressão penal, ao caso vertente; ha também a repressão de ordem disciplinar, a penalidade «intra-muros», no intimo da familia, que a sociedade não precisa saber.

E' preciso conhecer a psychologia da mulher, sujeital-a a um castigo que não a humilhe, não a degrade do seu natural orgulho, porque sendo a mulher capaz de todos os sacrificios, compatíveis com a sua dignidade, desde que o castigo a avilte, obliterará todos os bons sentimentos e não mais manterá a nobre altivez de seu sexo. Todo cuidado na applicação de um castigo á mulher é pouco; toda mulher tem alma infantil e essa alma por mais que os annos passem, entorpeçam os ossos, conserva a mesma brandura originaria. A voz do censor deve ser ponderada e as phrases energicas, porém, polidas, de modo a não permittir uma exegese differente ao seu objectivo.

As filhas, o conselho amavel; as irmãs, a advertencia affectiva; a esposa, considerações, em forma de palestra sobre o «modus-vivendi» ou «modus operandi», na vida da casa ou da sociedade.

Um pessimo methodo e que, infelizmente, tem muitos executores, é o da contrariedade, isto é, contrariar a vontade ou o designio da mulher. Não é pratico nem recommendavel. A mulher não deve ser contrariada violentamente. Pensemos na mulher que, por uma natural excentricidade, deseja qualquer coisa que o marido não pôde satisfazer; qual deve ser o procedimento habil do marido?

Dar-lhe um «não» secco e rude é agitar na sua alma as reacções do infortunio e suggerir pensamentos amargos sobre a existencia do casal. Porém, se elle não pôde satisfazer, indagará o leitor. E' ahí que reside a sciencia da repressão. O marido prudente, procura, por meios e modos, modificar o desejo da esposa, tornal-o mais proximo da realisação, não confessar, nunca, a impossibilidade, senão sómente transformal-o, reduzi-l-o ás proporções de a satisfazer. Ora, estou sentindo o pensamento do leitor, a mulher é teimosa; respondo, en-

ter, não ha mulher teimosa quando o homem é habil. Com brandura tudo é possível e toda mulher prefere ser esmagada com amavios a triumphar sobre arestas.

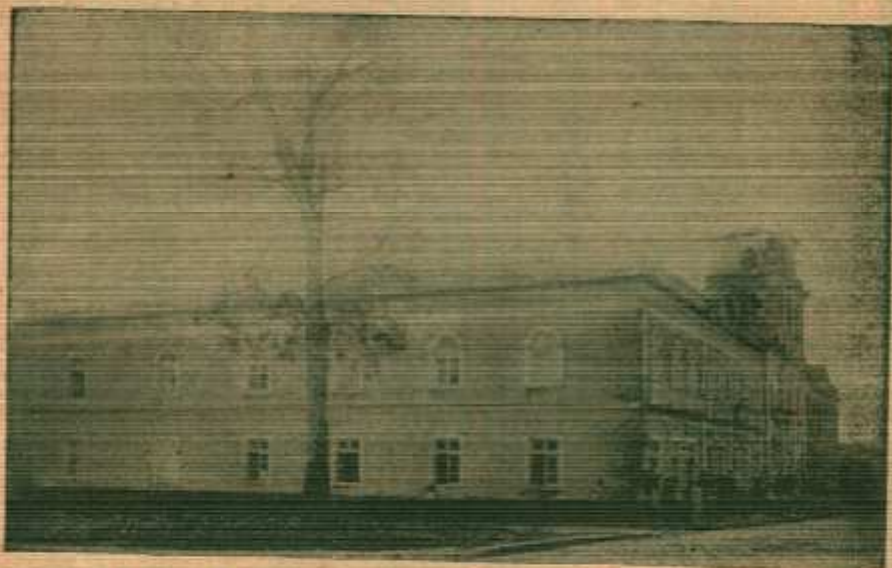
Como se deve castigar uma mulher?

Passemos a outras considerações curiosas. Antes do rugidor feminismo, a condição da mulher era de méra escrava; nem as considerações que as reproductoras brutas merecem, merecia dos homens. Era um objecto, ora util, ora inutil, porém sem a constancia da necessidade. O christianismo triumphante, que

cillo provincial de Macon. A questão foi suscitada por um monge e por uma insignificante maioria a mulher ficou incluída na humanidade.

De outro lado, a unificação das leis na Europa é um facto moderno; portanto, temos de nos socorrer ao direito regional e comunal da Idade Média, para conhecermos da pratica judicial sobre a mulher.

O direito civil e penal para os homens era mais ou menos igual dentro de uma provincia ou feudo, enquanto que, para a mulher



A PARAIBÁ ANTIGA — Palácio do Governo

interveiu na vida dos povos como legislador moral, social e até legal, não iniciou o menor movimento para enobrecer a mulher, modificando os costumes millenários, que encontrava, sobre o modo de castigar a mulher. Os costumes judiciais eram barbaros e a igreja que tão rebelde se mostrara á emancipação do homem nada se preocupou com a situação da mulher.

No concilio de Nicia discutiu-se se a mulher tinha ou não a alma immortel para determinar-se se pertencia ou não á humanidade. Esta lenda, creada ou real, nunca foi contestada, porque a mulher era tida como a coisa unica de todas as perdições do homem, «et ergo», da sociedade em geral.

Gregório de Tours, historiador christão do V século, informa que essa discussão se deu, não no concilio geral de Nicia, mas no con-

cellio, de cidade a cidade, pelo menos em seus detalhes. As sentenças para a mulher eram proferidas por tribunales de honra e não pelos julgamentos regulares.

Na Allemânia, na antiga Frizia, na Suécia, na Flandres e na França, o direito consuetudinario está cheio de coisas extravagantes para a mulher.

Na Allemânia, as adúlteras soffriam um curioso castigo; davam-lhe a segurar a cauda de um novilho, cauda untada de sêbo. Se conseguia deter o touro, era tida como innocente e se o não conseguia, o marido tinha o direito de mandar açoitá-la e fazel-a viajar de cidade a cidade, exposta pelos creados á odiosidade publica. As mulheres «puras», reuniam-se e batiam na criminosa para vingar a offensa do pudor.

Em 1220, no Valois, Isabel de Lergny foi

condemnada a acompanhar, descalça e vestida apenas de camisa, a três procissões, dizendo a todo mundo que tudo que falara de Reynaldo Copperal e da esposa deste era mentira; amos eram bons, honrados e decentes.

Isabel havia falado mal do casal acima a uma vizinha.

Em 1247, em Champ, ficou estabelecido este artigo sobre a mulher.

«A mulher que falar nomes feios a outra mulher pagará cinco soldos de multa, ou levará uma pedra na cabeça em uma procissão.

e rusgonas, as sogras, eram castigadas de modo barbaro.

Eram metidas em uma especie de gaiola de ferro e depois os executores mergulhavam a gaiola no rio ou no mar. Além de ensofadas, só eram retiradas quando o official de justiça tinha certeza de que a condemnada havia bebido umas duas canadas de agua.

Montell, viajante e historiador do seculo XIV, escreveu que assistiu em certa cidade franceza á execução de uma tal sentença: protestou, porém teve de fugir.

sempre a mulher. Póde ter a consciencia apparente do bem e do mal, porém guarda occulta a consciencia do amor.

Castigue-se sempre com amor.

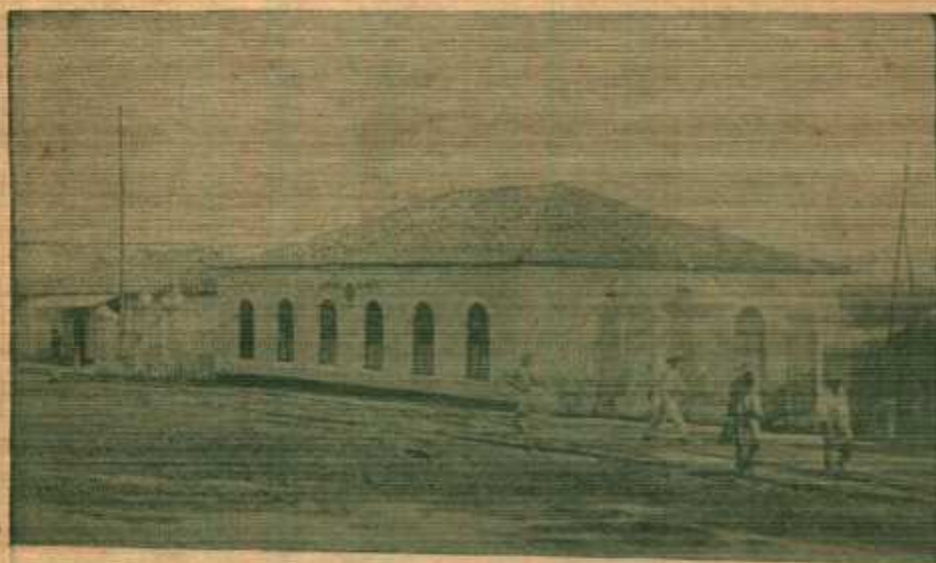
A. BELHERM

Madrigal de um louco

(Luz,
 Camelia
 Que fluctua
 No azul. Ophelia
 Serena e dolente,
 Fria, vagando pelas
 Alturas, serenamente,
 Por entre os lyrios das estellas.
 Santelmo acceso para a Saudade,
 Luz etherea, symphonica, perdida
 Entre os astros de ouro, pela immensidade.
 Esphinge da illusão no deserto da vida,
 Lampada do sonho, livida, suspensa...
 Vaso espirital dos meus scismares,
 Sacario pulchro da minha crença,
 O' rosa mystica dos ares!
 Unge o meu ser na apothese
 Da tua luz, e eu frua,
 Scismando, a pureza
 Da luz e goso
 Toda a tua
 Tristeza
 Luz!
 (Luz!)

DA COSTA

E SILVA



A PARAHYBA ANTIGA -- Edificio onde funcionava a Capitania do Porto

offendida terá o direito de metter-lhe o ferro nas costas para andar mais depressa. A pedra deve ser pesada».

Em 1263, nas Argonas (Lorena), creou-se este artigo penal:

«A mulher que chamar de feia a outra mulher, sem que possa provar com o testemunho dois homens ou de duas mulheres, pagará cinco soldos de multa, sendo quatro soldos de senhoriação, meio soldo ao alcaide e meio soldo á offendida. Se não puder pagar, carregará pedra, vestida sómente de camisa, na procissão do primeiro domingo. Sem appellação aggravo».

Ora, com franqueza, a mulher delinquente merecia, como vê, do direito consuetudinario medieval, nenhuma consideração, nem a propria mulher que se presumia honesta e a.

A pena de carregar pedra nas procissões sempre applicada á mulher que não podia fazer a pena monetaria. Esta circumstancia applica a mulher a se vender para obter dinheiro, não só para a multa, como para as despesas da justiça.

Na França medieval, as mulheres briguentas

Foi uma conquista lenta da mulher para ser incluída na communião judicial, quer penal, quer civilmente. Ainda agora, o homem prepondera no casal e faz o que entende á revelia da mulher.

As adúlteras de hoje, quando descobertas pelo esposo codilhado, fornecem victimas a tragedias e morrem. Os criminosos, presos, processados são absolvidos, porque quem os julga são homens e como homens não querem perder a supremacia.

Como se deve castigar uma mulher?

Com os rigores da lei e com as branduras da justiça. O castigo á mulher, a fonte do amor, a creadora excelsa, a constructora da sociedade, deve ser sempre ministrado com amor. O julgador deve ter em mente que vai julgar a mulher, que concentra paixões nobres e más, porém, que se é por um lado, o infortunio de um individuo, de uma familia, é por outro o expoente da sua sociedade em geral.

A mulher, seja Judith, seja Carlota Corday, seja Sapho, Phrinéa, Agrippina, Messalina, e

O record do senso pratico Realmente, o nosso continente, com os Estados Unidos á frente está destinado a ser o detentor do record do senso pratico.

Todos os dias uma prova nova vem se juntar á série das que já existiam.

Eis aqui, por exemplo, o que nos conta uma revista, de haver um jornal do Mexico collocado á porta dos seus escriptorios cartazes com estes dizeres:

«E' prohibida a entrada ás pessoas que não venham para tomar assignatura ou para tratar de inserção de annuncios e reclames. As pessoas que não tiverem essas intenções podem mesmo evitar o incommodo de se apresentar, para evitar respostas desagradaveis...»

Segundo a mesma revista, um outro jornal da America do Norte publicou na primeira pagina:

«O senhor Fulano de Tal é convidado a não vir nos aborrecer tão a miúdo no nosso escriptorio. No caso contrario, poderá dar-se que venha a travar conhecimento com... a ponta dos nossos sapatos»

“A NOVELLA”

Direção de **ADHEMAR VIDAL**

Magazino MODERNO de grande divulgação

CAIXA POSTAL, 18. — Parahyba do Norte

SONETOS DE EMYGDIO DE MIRANDA

A VIDA

Pela conjugação de dois seres humanos,
Em que um beijo de amor foi prelúdio carnal,
Um pequenino ser veio ter aos profanos
Degraos do templo aural da Vida Racional.

Nasceu. E a infância, após, em ledices e enganos
Florejou-lhe na bocca um riso auroreal...
E o menino cresceu, plangendo os soberanos
Psalterios da Emoção, nas harpas do Ideal!

Fez-se homem, finalmente. Entrou na Mocidade
Pelo braço do Amor saltitante e risonho
E a illusão lhe falou pela voz da Bondade...

Mas ao chegar no fim dos annos que viveu,
Vendo morto tombar o derradeiro Sonho,
O homem pára chorando e crê que não nasceu!

A MORTE

A Morte não me assusta. E' uma cousa esperada
Que por certo hei de ter como brinde final
Da Vida. A Morte é o fim da poeira estrada
Por onde os homens vão em corrida fatal.

Todos têm que descer essa aspera esplanada
No doido turbilhão da marcha desigual;
— Os serenos, os bons, chegam de alma enflorada
E os míos, na convulsão do remorso lethal.

A Morte é a ultima conta escura do rosario,
Destinado por nós na cathedra da Vida,
Ao som do canto-chão de um Sonho funerario...

Por isso temos certa essa infausta visita
Que nos ha de chegar, solenne, engrandecida,
Trazendo-nos — quem sabe? — a Paz mais infinita...

FUNCIONARIOS DO FISCO...

Ha muito que me boia n'alma o desejo de
traçar algumas linhas, firmadas na experiencia
amarga de quatro longos annos de serviço na
Fazenda do Estado, sobre os vexames, atropelamentos e perigos de toda sorte, a que estão sujeitos os funcionarios do fisco...

Es chegada a oportunidade. Apesar de
não se constituir numa classe parasitaria dos
cofres publicos, porque trabalha noite e dia,
focalizando os interesses e direitos do Estado,
para que este possa pontualmente satisfazer os
seus graves compromissos, é, todavia, a classe
dos funcionarios do fisco a mais odiada e
maldita.

Desventurados funcionarios, sem remuneração compensadora e sem compensação moral, quem vos estima e vos deseja bem? Quem sinceramente vos admira e ampara?

Seria um milagre sensacional na escala prodigiosa dos milagres de Christo, se houvesse um só de vós que pudesse gosar do apreço e sympathias publicas.

Ha alli um administrador de Mesa de Rendas, que não é figura decorativa e, compenetrado dos seus arduos deveres, mantem equilibrado o senso de suas responsabilidades?

E' um caneco que convem extirpado, para victoria dos contrabandistas e prejuizos das finanças do Estado.

A astucia, de mãos dadas com a ignorancia, alimentada pela mais criminosa má fé, arma-lhe uma série de ciladas, cobrindo-o de accusações calumniosas, com todo requinte de cynismo; e espiritos diabolicos se põem em acção machiavelica, com o fim unico e exclusivo de afastar-o do cumprimento do dever e inutilisar-o no exercicio de suas funções.

Regulamentos, lei de meios, legislação da Fazenda, em summa, ordens superiores, acui-

teladoras dos interesses e direitos da mesma Fazenda, tudo isso pôde allegar o desventurado funcionario, quasi sempre accusado inconscientemente por quem não representa a minima parcella de autoridade.

Debalde!

E' que ha uma força soberana, inimiga da justiça e da razão: a força invencível da ignorancia e da má fé, impossivel de convencer com todo peso da logica.

E' esta força que mina e accusa e é esta audacia sem nome que macula e abate o trabalho dos funcionarios do fisco, envelhecendo-os antes de tempo e fazendo-lhes a alma transbordar de cuidados, apreensões e amarguras.

Não é o povo, propriamente dito, o agglomerado humano de pés-rapies, quem mais os hostiliza: é a classe dos contribuintes de gravata, fértil em ardis e injurias; é esta classe sornateira e perversa, habituada a lezar os interesses economicos do Estado e denegrir o serviço do fisco.

Ha alem um administrador de Mesa de Rendas, um pobre coitado, amante da philosophia da Inercia, disidioso e de conducta dubia, figura apagada de sua classe?

Tambem não serve e não agrada, merecendo todo rigor na escala das penalidades regulamentares, porque não cumpre com os deveres do seu cargo, e, deixando correr a revelia os negocios do fisco, concorre para o declinio e descredito das finanças publicas, soffrendo, ainda por cima, o ridiculo dos collegas e as accusações dos proprios contribuintes, a cujos interesses serviu e amparou.

Ainda mais longe, outro administrador de Mesa de Rendas, mestre pratico da vida, julgando-se portador de grande habilidade, zelador do seu bem-amado soccego e do de sua

familia, appella para o meio-termo, entre o collega cumpridor de deveres e o disidioso e relapso. Faz grandes concessões, golpeia a getto a lei de orçamento, na arrecadação de uns impostos, para cobrar outras contribuições integralmente, salvando assim as apparencias; corteja os ricos e se avacalha diante dos contrabandistas poderosos, em regra, tão astutos quanto atrevidos e arrogantes; cala as occurrencias de sua repartição e ageita bem as cousas usando sempre de diplomacia barata, cheia a alma de muitas conveniencias e feccios...

Pensario os senhores que me leiem que, mesmo assim, pôde haver tranquillidade para o funcionario do fisco?

E' um engano completo, visto como o desventurado é uma especie de alvo a todas as accusações, com ou sem fundamento ou uma especie de toalha em que todos limpam as mãos. E vive sempre apprehensivo e desconfiado, porque os rivais, os invejosos e desoccupados, que lhe desejam o cargo e muitas vezes são candidatos victoriosos, catam os senões, procuram miéros pretextos para perseguil-o e vencel-o...

E os pobres escrivães que se exaurem e entisicam, debruçados, longos annos, sobre as bancas no serviço de escripturação? E os agentes fiscaes que na fronteira, em piquetes de fiscalisação, á noite, muitas vezes, jogam a propria vida?

Funcionarios do fisco! O nosso Estado é pequenino e pobre; não espercis, pois, remuneração compensadora dos vossos ingentes esforços; mas cerrai os ouvidos á maledicencia humana, miral-vos nos espelhos limpidos da honra, cumpri o vosso dever e trabalhai sempre guiados pelo patriotismo.

Administração honrosa

Dentre as administrações estaduais da Republica, nestes ultimos tempos, nenhuma tem se revelado com tanta capacidade, operosidade e patriotismo como a de s. exc., o dr. Solon de Lucena, presidente deste Estado.

Elle encontrou o thesouro do Estado em plena fallencia, com as finanças exaustas, o trabalho agrícola e industrial sem estimulos, a economia publica estagnada nas suas fontes naturaes.

Intelligencia brilhante, pratica e avisa, levantado patriotismo aos surtos de um nobre sonho—o dr. Solon de Lucena vae excedendo á expectativa sympathica dos que lhes saudaram a ascensão.

Não ha quem diga de sua gestão, em consciencia, que tem uma falha ou um deslize de honestidade, nem que amardonou um só instante na antiga apathia corrosiva dos outros.

O preclaro presidente Solon de Lucena—bom discipulo do proeminente estadista Epitacio Pessoa—é um desses homens superiores que têm, no momento, a *leadership* espiritu da nação.

Podem os seus concidadãos ufanar-se da nobresa com que o dr. Solon de Lucena tem sabido corresponder á confiança dos que o elevaram ao supremo cargo estadual, num pleito memoravel que teve, pela locante

unanimidade que o caracterizou, a eloquente significação dos plebiscitos romanos.

As viagens de s. exc. pelo interior do Estado não têm sido de prazeres, mas viagens de estudo, em que o dr. Solon de Lucena, com regularidade e harmonia, procura aprivisionar-se de observações proveitosas, analysando a physionomia dos logares e dos habitantes, integrando-se na vida dos seus jurisdicionados, confundindo-se com elles nos mesmos designios.

Dahi a conclusão quanto este Estado deve sentir-se numa cohesão impecavel diante de uma administração honrosa.

OSCAR WALTER

ARGENTINA-BRASIL

OBRA DE APROXIMAÇÃO INTELLECTUAL

«La Novela Semanal», de Buenos Aires, acaba de instituir no Brasil um concurso de novellas.

Essa iniciativa da conceituada publicação da imprensa portenha é merecedora dos mais calorosos applausos por parte dos nossos intellectuaes, que, por este meio, se tornarão conhecidos e admirados pelos homens de letras da vizinha Republica platina.

Além de animar em nosso paiz o culto das letras, tem aquella publicação o intuito de estabelecer maior contacto entre o povo argentino e o brasileiro. É um verdadeiro intercambio mental que se vae abrir entre as populações dos dois maiores paizes desta parte do continente. A effectiva permuta de impressões, de idéas, de emoções por esse meio iniciada, representa a maneira pratica de se realisar a interpenetração dos espiritos, que assim se encaminham para melhor se conhecerem.

«La Novela Semanal» é uma grande expressão da cultura popular na Argentina. Destina-se ao povo. O seu publico orça pelas centenas de milhar. Não tem outra preocupação senão a de ser lida, o que não é merito pe-

queno. Alimentando o gosto da leitura, simplesmente, é relevante função a que desempenha na sociedade argentina. A collaborar nesse intuito são chamados agora os escriptores brasileiros, novos e consagrados.

Esse certamen empreendido pela «La Novela Semanal» tem na personalidade illustre do sr. Benjamin de Garay, figura das mais representativas e brilhantes da mentalidade argentina, um dos maiores propugnadores do seu exito, desde já previsto por todos nós.

Ficaram assim estabelecidas as bases do referido concurso:

1.º) Os originaes, rigorosamente inéditos, serão escriptos á machina, de um só lado, em papel bloco, em numero de quarenta e cincoenta laudas. Serão assignados por pseudonymo, que se reproduzirá em envelope fechado e lacrado, em cujo interior se encontrará o nome e o endereço do autor.

2.º) Um jury seleccionador escolherá as dez melhores novellas, cujos titulos serão publicados pela imprensa do paiz.

3.º) As novellas escolhidas passarão ao estudo do outro jury, cuja composição se fará

publica depois de feito o julgamento, segundo o qual se distribuirão os seguintes premios:

1.000\$000 á melhor novella;

500\$000 á segunda;

250\$000 á cada uma das oito que se seguirem em merecimento.

1.º) A propriedade dos originaes em portuguez, bem como as suas traducções, passa á propriedade da empresa.

Os concorrentes deverão enviar seus trabalhos, até 31 de dezembro de 1922, em carta registrada, pelo correio, ao sr. Benjamin de Garay, á rua dos Gusmões, 70—S. Paulo.

Durante a grande guerra foram destruidas na Galicia Oriental 35.441 casas nas cidades e 105.339 nas aldeias; a mesma sorte tiveram 1.470 usinas e fabricas.

Desde que a região voltou a fazer parte da Polonia foram reconstruidas 75 % das casas e 350 usinas. É preciso notar tambem que o numero de escolas ruthenas de 2.420 em 1914 elevou-se hoje á 2.900, pois para as 828 escolas ruthenas destruidas, o Thesouro polono reconstruiu mais de mil. Existem agora 4.268 professores publicos ruthenos e muitas escolas secundarias ruthenas, particulares antigamente, estão sendo mantidas pelo governo polono.

Este em Trincheiras.
Esse torneio, que foi assistido por mais de
seis mil pessoas e o mais concorrido e dispen-

ir jogar no Recife e ainda mais a dificuldade
da organização de um scratch, cujos membros

Foram brilhantes os resultados dos torneios
de regatas e natação do dia 6 de setembro p.
de regatas e natação do dia 6 de setembro p.

PELO MUNDO DOS DESPORTOS

O foot-ball atravessa uma nova fase de progresso em o nosso meio, desde as festas desportivas em comemoração á passagem do Centenario.

Iniciou-se a mesma fase com o *match* inter-estadual do dia 1.º de setembro, entre o *A. B. C.*, de Natal, e o *Cabo Branco*, daqui, no campo deste em Trincheiras.

Esse torneio, que foi assistido por mais de seis mil pessoas e o mais concorrido e disputado até hoje nesta cidade, despertou o maior interesse e entusiasmo no seio dos valorosos sportsmen parahybano.

Para a realização do mesmo convem salientar os multiplos esforços dispendidos pelos srs. Mirocem Navarro, M. e Alfredo Oliveira, Trajano Chaves, Leonel Feitosa, Severino de Carvalho, Arthur Sobrera e outros membros esforçados do *Cabo Branco*, que viram coroados de franco exito as suas energias e serviços empregados em prol do resurgimento do sympathizado sport de ha muito abandonado em nossa terra.

Após o referido encontro do dia primeiro do mez p. findo, já se realizaram diversos entre quasi todas as sociedades de foot-ball desta capital e *teams* para este fim organizados, tendo todos os alludidos *matches* se effectuado ao meio da maior animação e cordialidades nunca vistas.

Seria muito acertado que os gremios de foot-ball desta cidade, devido ao grande impulso que esse sport adquiriu ultimamente, re-organisassem conjuntamente, com a mais elevada harmonia de vistas, a *Liga Desportiva Parahybana*, a fim de que fique, de vez, essa sociedade dirigindo todos os negocios relativos ao desenvolvimento dos nossos sports.

Mas tal coisa não succederá! Não é que sejamos extremados pessimistas. Apenas, conhecemos perfeitamente as idéas retrogradas de diversos membros de algumas sociedades de foot-ball da Parahyba, os quaes com o prestigio que desfructam nas mesmas, influem consideravelmente com os seus planos destruidores e anarchistas, postos em execução, para o aniquilamento do sympathizado sport, relegando-o como acontecen até agosto deste anno, nesta capital, da convivencia sadia dos moços de nos-o meio.

Mais alguns dias (quizeramos que tal não acontecesse) teremos de registrar o que vimos de dizer, sem absolutamente prognosticar.

O *scratch* parahybano que fôra ao Recife disputar para a nossa terra o 1.º lugar no campeonato de foot-ball do Centenario, realizado entre os Estados nordesinos, alcançou afinal uma bella classificação, que foi o 2.º lugar.

Jogando com o *scratch* pernambucano, o combinado parahybano perdeu pelo *score* de

6 X 1; mas batendo-se com o conjuncto rio-grandense do norte, venceram os nossos patri-cios por 3 X 2.

Destarte se vê que a Parahyba não foi muito mal representada, como se propala por ahí a fôra.

Pelo inesperado consite que recebemos para ir jogar no Recife e ainda mais a dificuldade da organização de um *scratch*, cujos membros

se entendeu com o *Sport Club*, que accellou o desafio.

Das festas sportivas do Centenario, realizadas nesta capital, salientaram-se, pelo seu cunho de originalidade e distincção, as do *Club de Remo*, effectuadas na bacia do Sanhauá.

Foram brilhantes os resultados dos torneios de regatas e natação do dia 6 de setembro p.



O conhecido sportman ALFREDO DE OLIVEIRA—a quem o Cabo Branco deve a terminação do seu lindo ground.

não conheciam um o jogo do outro e destre-nados completamente, achamos que os sports-men conterraneos fizeram muito mais do que julgamos.

Annuncia-se para o dia 22 de outubro próximo, em homenagem á data do 2.º anniversario do governo do exmo. sr. Presidente Solon de Lucena, um encontro no *ground* das Trincheiras entre os 1.ºs *teams* do *Cabo Branco*, desta cidade, e *Sport Club*, do Recife.

Para este fim a directoria do alvi-negro já

p., affluindo, para assistil-os, uma consideravel massa popular.

No cios provisorio das obras do porto foram improvisados pavilhões, a fim de que as familias e autoridades podessem dalli descortinar todas as phases do empolgante sport nautico.

Excederam á expectativa geral as festividades sportivas do *Club de Remo*, para cujo brilhantismo muito se esforçaram os membros de sua directoria e demais socios dos quaes destacamos com justiça os srs. dr. Decio Fonseca, cel. Benjamin Fernandes, Joaquim Schüller, Odiro y Piá, Severino de Lucena, Alfredo Ribeiro e muitos outros.

"OS IRMÃOS MARÇAL"

A respeito do «Os Irmãos Marçal», livro de estudo do brilhante romanista patricio Olivio Montenegro, publicou o *Jornal do Recife* a nota infra:

O sr. Olivio Montenegro é um escriptor parahybano que se estrêa, em nosso meio, com um romance. Só este facto de entrar no buliço literario com esta preocupação séria demonstraria o seu feitiço honesto de trabalhador mental. Mas é que o sr. Olivio Montenegro publicou uma obra de integro valor. «Os Irmãos Marçal» é um apurado estudo de costumes que está com todos os lances do romance moderno.

Pelo menos o auctor soube dar-lhe aquelle meio termo de analyse, que é todo o segredo do trabalho de Mauri e Barrés, uma das suas mais brilhantes influencias. Lemos «Os Irmãos Marçal», tendo a cada momento impressões de realidades que não descem nem ao detalhe cynico dos realistas, nem tão pouco sobem ás miçmas moraes dos psychologicos á Bourget. O romance do senhor Olivio Montenegro explora um assumpto de alta significação social.

Podemos dizer que chega a ser uma bella tese de sociologia. Já dizia Emerson que a grandeza dos assumptos fazia as grandes obras de arte. O sagaz romancista parahybano, como fizera Blasco Ibáñez, explora o desastre que se ciosa em certos meios idéas avançadas. Ou melhor, pôz aos nossos olhos aspectos da vida operaria no Brasil. Poderão não agrar, a estes meios, as suas palavras, por aquellesmesmo motivo com que Taine explicou o successo popular da «Taberna», de Zola.

Por isto é um livro opportuno, pelo geito metico em que se amolda, pelas idéas que cute, pelo estylo em que é traçado. O tipo *Farmancio* elle conserva em todo o livro com a bella linha moral que nunca se parte. *Farmancio*

é a crystallização do pensador generoso e bom que não pôde passar insensível á miseria alheia. Engendra-se pela dôr dos outros para deixar lá por dentro o seu coração e o seu futuro. É uma renuncia. *Beatriz*, uma disparidade espirital do seu irmão. O egois-

ninguem, dentro de seu feliz bom senso. O sr. Olivio Montenegro deu a este illustre varão uma sobrançeria admiravel, e uma sensibilidade de pae commovedora. O bacharel *Barrocas* tem o perigo do «Hombre mediocre»; é o tal homem lamentavel que chega a bacharel, a deputado, a ministro e até onde se expichar a sua hurnice perigosa e vencedora. Este *Barrocas* nós o temos no Brasil, em abundancia, como expressão, muitas vezes, de expoentes nacionaes. O *Macheteira*, coitado, é outra triste realidade.

Abel Botel o pinton em côres medonhas uma destas figuras de escoria. O sr. Olivio Montenegro tem a piedade de não dar á sua personagem aquelle scepticismo louco do outro.

«Os Irmãos Marçal» põe ás nossas vistas scenas interessantes e dolorosas da vida desgraçada e da vida desperdiçada e canalha das altas rodas, que embora algumas pereçam exageradas, são, entretanto, descriptas com talento e acção.

Ha diálogos intensos e bem feitos, como aquelle entre *Farmancio* e um orgulhoso poeta que viajara pela Persia e Indias. Em algumas outras figuras secundarias o sr. Olivio Montenegro deixa fortes carapuças para contemporaneos seus.

Ahi, notamos no escriptor o dedo perfido de Eça de Queiroz. Não damos influencia, pelo menos brilha em suas phrases o raio da ironia scintillante do mestre. No ultimo capitulo d' «Os Irmãos Marçal», o joven escriptor dá-nos uma harmoniosa lição de sociologia, sem de modo algum tomar attitudes profundas de cathedratice. Dê-a com doce simplicidade a esposa de *Farmancio Marçal*.

Não é com exaggaro que affirmamos ser o romance de Olivio Montenegro uma obra de valor e personalidade.

PELOS MUNICIPIOS



Cel. Emanoel Lauritzen, deputado estadual e prestigioso politico campineense.

mo e o interesse das futilidades que faltavam naquelle, sobram nesta em profusão.

É a mulher que nós vemos nas ruas e nos theatros com o fulgôr de seu luxo tamanho de seu pecado. Nella se pronuncia uma hereditariedade doente. O velho *Marcos* soube morrer como soubera viver, sem incomodar

CAMISAS, CEROULAS, COLLARINHOS E PYJAMAS

FABRICA COLOMBO

DE **Marinho e Moura**

Rua Barão do Triunpho n. 450 — Caixa Postal n. 14 — PARAHYBA

JOSÉ PEREGRINO ENTRE A PINTURA E A HISTORIA

No salão nobre da residência presidencial, chama atenção a grande tela de Parreiras referente a um dos mais tocantes episódios da revolução de 1817. O pintor fez trabalho digno de seu nome de artista laureado, substituindo, porém, com os recursos de sua imaginação o que a História lhe devia ter indicado.

José Peregrino lá está no quadro mais do que ativo, embora ocupando posição secundária, de estatura um tanto desenvolvida, nariz semi arrebitado, chapéu bicornes para o alto da cabeça e, com o braço largamente distendido, parece accusar asperamente ao pai, o dr. Augusto Xavier de Carvalho que o escuta fronticurvo, humilhado, envergando redingot, calças brancas, botas altas, tendo um crucifixo esquecido na dextra e o chapéu de largas abas á esquerda!... Peregrino quasi se confunde com o seu estido-maior; no segundo plano, na vizinhança do chão sul da igreja Bom Jesus, que mal se lobriga, acha-se um grupo de soldados em torno á bandeira, como indicando terem as tropas bivacado no local por onde hoje começa a avenida João Machado. Muito branca e com a sua feição moderna, estada talvez para mosnar que o encontro se verificou um pouco distante, para os lados de Dois Caminhos, se vê a igreja do Bom Jesus!...

A' sua frente, paralela, abre-se uma estrada cuja margem opposta é um matagal que se adensa e vai em crescendo até o alto de uma col-

lina em direcção da cidade. Em todo o quadro, é, incontestavelmente, figura prima, em destaque, o dr. Augusto, parecendo que a acção gyra em torno deste velho personagem. Ninguém, que desconheça o assumpto, poderá attribuir outro papel ao ancião.

Deixemos os demais personagens e detalhes do quadro e vamos ao que diz a História.

José Peregrino era de um moreno rosado, feições regularissimas, imberbe, estatura mediana. As ponderações que fez ao seu genitor foram as d'um filho educado na religião de Christo, acostumado ao respeito, á obediencia, á veneração paterna. O heroe não exprobo: respondeu, vacillando entre o amor filial e o dever de soldado, não tendo animo de resistir, embora consciente da perfidia que o aguardava, ao que lhe supplicou o pae em nome das chagas de Christo.

O dr. Augusto sahiu de seu sobrado, á então rua da Misericórdia, envolto num roupão, com um lenço de alcobaça atado á cinta, sem chapéu, descalço, conduzindo com a maxima veneração u'a imagem de Christo á Cruz.

Quanto á igreja do Bom Jesus, estava ainda, em parte, a construir-se e aonde Parreiras collocou o porta-bandeira e respectiva guarda, erguiam-se montes de pedras, havendo outros á frente do templo. O exercito revolucionario acampou defronte da igreja entre a estrada de Cruz de Armas e o antigo caminho, hoje Passeio Geral, bem proximo da antiga casa

da polvora, ao pé das trincheiras levantadas em 1710 por João da Maia da Gama, elevação que Parreiras suppoz uma collina.

Demais, pelas immedições do Bom Jesus, naquella anno de 1817, já existiam varias habitações de que não se vê no quadro menor vestigio. E dada a posição do acampamento, claro se torna que outra devia ser a distribuição dos personagens na mencionada tela.

Mas a Parreiras não cabe qualquer responsabilidade: tratando-se de um quadro historico para a galeria do Palacio Governamental, parece, deviam mandar o pintor consultar as pessoas mais estórias que lhe podessem dar informações não só sobre a topographia como referente á verdade historica e á physionomia dos individuos. Era indispensavel um esboço submettido á critica da imprensa, do Instituto Historico, e dos entendidos em arte. Desde que assim não se fez, só podia sahir o que se vê: uma esplendida obra de arte, que aberra da verdade historica!

COROLANO DE MEDEIROS

O verdadeiro caracter não exprime hostilidade e não manifesta resistencia ou antagonismo, mas vence o mal dando todas as suas forças á propagação do bem. Dando seu tempo á produção da luz, faz as trevas desaparecerem por si mesmas.

Ch. D. Larson

ALFAIATARIA

Vistoso e colossal sorbrins palm-beach melas moda e perfumarias finas. mo da elegancia no corte alcance de

RUA MACIEL PINHEIRO, 97.



FLORENTINO

fimento de casemiras, de sêda, capas da ultima Gara te a v. exc. o maximo os preços estarem ao todos.

Defronte d' "A GAVEA"

"CLUBE DO REMO"

Não foi sem uma forte sensação de orgulho que assisti, quando das festas do Centenário, ao desfile de nossos clubes desportivos, n'uma ostentação de garbo invejável. E como me encheram de entusiasmo aquellos moços do «Clube do Remo», estadeando uma musculatura sã e povoando o ambiente d'uma alegria sã e contagiosa!

Não ha duvida que na manhã de 6 de setembro, d'uma radiosidade incomparavel, a nossa cidade toda estremeceu de contentamento, vibrou delirantemente ante esse pugillo de rapazes que, fortalecendo-se, estão praticando o mais acatavel dos actos de patriotismo.

Até ha pouco tempo, entre nós, se tinha como somenos a cultura physica, mercê do argumento estolido e sedição de que o desenvolvimento muscular acarretava a atrophia da intelligencia.

E o nosso Estado n'esse particular reflectia a opinião reinante no resto do paiz.

Logo, porem, que esses cuidados com o nosso organismo deixaram a immobilitade a theorias e vieram para o campo da pratica, um sopro quente de vigor atravessou o Brasil, e então iniciamos o mais proveitoso serviço em prol do melhoramento de nossa raça. Foi quasi uma sahida do regimen estatico para o dynamico.

Nem foi mister muito tempo para verificarmos os efeitos extraordinariamente benéficos dos exercicios physicos, preparando uma

mocidade digna e capaz, na tonicidade de seus musculos e na disciplina de seus nervos. Como iamós, erigindo a cultura physica em pratica deprimente de nossos brios, estavamos preparando um terreno summamente propicio á medrança da hysteria e outras nevroses.

Como vamos, estamos trabalhando por dotar o nosso povo do elemento unico, susceptivel de facilitar-lhe as mais vantajosas conquistas — a energia.

Pelo caracter é que um povo ascende ás culminancias da civilisação, e aquelle primordial attributo se não compadece com um corpo desfibrado, entorpecido no marasmo d'uma vida amollentada, e movimentando-se sómente na esphera estreita que lhe crearam as necessidades da existencia.

E n'esse organismo fraco, dessorado, agita-se quasi sempre um espirito inquieto, instillando constantemente o fel d'um pessimismo incomportavel.

Os nervos, n'uma predominancia despotica, mais agravam a sua condição de tibieza e então annulla-se a vontade, tornando-se o homem um juguete das circumstancias, um escravo das mais extravagantes influencias mesologicas.

E isto, porque n'um organismo em que se não possa installar uma saúde alegre, os melhores propositos tem a duração dos metéoros, fulgindo um minuto para desaparecer logo após.

Já se levantam vozes contra alguns de nossos exercicios physicos, condemnando-se por

detrimentos á saúde, mas pôde-se assegurar, sem temor, que o numero de obitos por falta de exercicios é muito mais vultoso do que pelo seu excesso.

Bem haja o «Clube do Remo» que se vae, entre nós, transformando n'uma escola de energia, ao lado de algumas sociedades de football que veem pugnando pelo mesmo idéal.

Os dias 6 e 7 de setembro, em que aquelle clube nautico nos proporcionou momentos inqueciveis de prazer, demonstraram exuberantemente que na Parahyba a cultura physica não é sómente assumpto de discursos e conferencias, mas já uma preocupação seria de uma parte de nossa mocidade, que se apresenta com uma comprehensão racional de sua finalidade na sociedade contemporanea.

Os meus votos são que a proficua corporação do remo, sob a orientação e actividade insomnes de Benjamin Fernandes, desfrute sempre plena prosperidade, despertando os brios de quem, como eu, se arrasta difficilmente na vida, mercê d'uns musculos pécios que a minha preguiça tem ciosamente conservado.

Maiores estímulos não poderiam ter os moços do referido clube do que aquellas palmas entusiasticas de nossas conterraneas, enchendo o espaço d'uma vibração forte e suscitando nos magricellas muitas emoções de envolta com muita vergonha.

LAURO MONTENEGRO

Dr. Carlos D. Fernandes

Anniversariou-se, a 20 de setembro ultimo, o illustre escriptor, nosso brilhante collaborador, dr. Carlos D. Fernandes, cujo prestigio intellectual já o tornou definitivamente uma das figuras de maior destaque nas letras nacionaes.

Com effeito, o nome do victorioso escriptor parahybano já venceu, ha muito, as lindes de nossa literatura regional para irradiando na amplitude do fulgor que lhe dá a sua prestiosa obra de artista peregrino, impor-se, de vez á admiração do escol intellectual do Brasil. Nem podia ser de outro modo: até havia de ser natural que um espirito como o de Carlos D. Fernandes que uma organização artistica com a vibratibilidade e a rara essência do festejado romancista da *Renegada*, desse a sua influencia litteraria circumscripção estreiteza ambiente de uma provincia. Muito contrario, quando o escheta magnifico de *Parahyba* traz para a publicistica nacional qual trabalho de sua lavra, marca esse facto



apesar de viver, hoje, Dias Fernandes refugia-do no seu quieto retiro espiritual da Parahyba. Mas é que um escriptor do porte de Dias Fernandes, com todas as formosas virtudes de um magico da Arte, com o dom peregrino de enfeitar, não podia deixar de impressionar geralmente. Todos nós o sabemos uma alma perennemente moça e entusiasta, ao contacto da scintilla da sua fé sempre viva de homem eternamente fascinado por um alto idéal de belleza. Esta característica do seu espirito de atheniense exilado do seu tempo irradia na propria pessoa de Carlos D. Fernandes, no seu aspecto insinuante a transbordar força e alegria, na sua elegancia intellectual, na sua palestra d'intimidade, onde, justamente, se revela a faceta mais impressionadora desse espirito, no *causeur* inigualavel que elle é, com a sua palavra fluente e enfeitadora.

Nós, que temos a mais sincera admiração pelo eminente polygrapho parahybano, e o maior desvanecimento em contal-o entre os nossos mais queridos collaboradores, mandamos

Memorias de um antepassado

Capítulo I

UM BLUFF.

Era à porta de uma igreja. Eu estava esperando o Aranha que tinha ido passar uma olhadela nas damas que, naquela hora, pareciam resar com a alma toda entregue ao Senhor.

Debalde o Aranha insistiu comigo para entrar. Era um rapagão muito lampeiro e muito dado a conquistas. Conservava um bigodezinho aparado no rigor da moda, a moda do seu tempo, bem entendido, ou do nosso, que já vai longe.

Hoje não se usam bigodes. Sómente os velhos do meu tempo ainda conservam essas excrecências capillares. Eu não sei se os moços de agora, quando chegarem à minha idade, continuarão com a cara raspada. Às vezes penso que um rosto encarquilhado e descahellado é signal de pouca decência. Mas não é; já se foi o tempo das bigodeiras. Um cabelo da cara pôde servir hoje de receptáculo a microbios ou de penacho a outras coisas, menos de documento, como affirmavam os nossos avós.

O Aranha era vaidoso até com o bigode. Não trajava mal. Passava, sem mentira nenhuma, como um dos elegantes da terra. Justiça seja feita, não era feio de cara nem também de corpo; eu lhe tinha uma pontazinha de inveja, chegava até a copiar-lhe os gestos.

O seu ultimo namoro, lembro-me bem, ia lhe botando sal na moleira. A menina era bonita, mas, por arte do pecado, era casada. Elle bem o sabia, mas deu de barato a essas coisas, que sempre reputei seríssimas e tornou-se de tal paixão por ella, paixão, talvez, não diga bem, entusiasmo podia ser, vá entusiasmo, e tomou-se de tal entusiasmo que um dia o marido desconfiou da historia e a ensarilhada não ia sendo deste mundo. Felizmente houve em tempo uma accommodação entre ambos; ella se justificou muito, chegou a derramar lagrimas de magua e desespero e terminou exasperando-se contra o marido por tão ruim procedimento em lhe attribuir indignidades dessa ordem. Elle, commovido e revoltado consigo mesmo, enxugou com os labios uma lagrima que rolava pelas faces da esposa e fez mil juras de não mais duvidar da sua fidelidade. Prometteu até não ligar a menor importancia ao tratante que queria cravar os dentes no seu amor.

O Aranha por cautella foi passar alguns dias fóra da cidade e só voltou quando soube que a paz entre marido e mulher estava assentada a pedra e cal.

— Vamos entrar, seu hereje! — disse-me o Aranha pegando-me na lapella do jaquetão. — A Pilo deve estar na missa. Não queres arris-

car esses teus olhos de cabra morta para a garota?

— Não; não entro. Prefiro esperar aqui fóra.

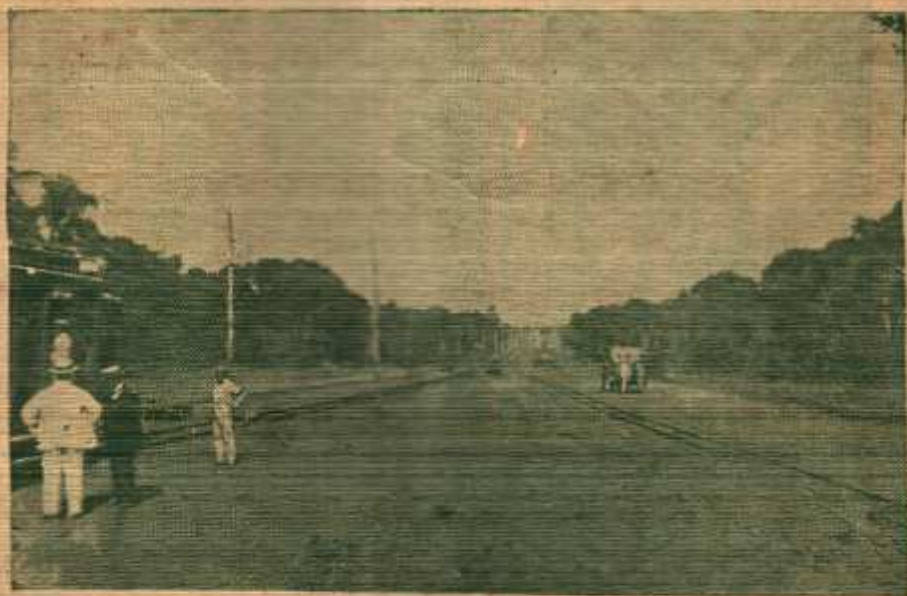
O meu amigo foi abalado. Eu não asseguro, mas, parece que ao se abalar ia mordendo os labios como a rir-se de mim. Quiz então segui-o, mas desisti da resolução, antes de me mexer do lugar. Cotri os dedos sobre a lapella do jaquetão, que me parecia amassada, e fiquei a acompanhá-lo com a vista.

Talvez elle não tivesse se rido de mim, pen-

cou a canella antes de eu chegar ao fim do primeiro livro. Foi um dia de festa para mim e os meus collegas. Nós, cordialmente, o aborreciamos.

Aprendida a resa, fui me confessar. Nesse dia, minha mãe, pobre velhinha, quasi morreu de contentamento. Comecei a debulhar o pecador com tal afobação que, quando cheguei a certa altura, dei commigo recitando o credo. Suspendi a conversa e olhei muito desconfiado para o padre que parecia desfarçar um sorriso de bondade no canto da boca.

TRECHOS DA CAPITAL



Avenida EPITACIO PESSOA

sei, e achei logo que este pensamento era perfeitamente defensavel. O meu amigo sabia muito bem que eu não ia a missas. Foi muitas vezes quando menino. Cheguei até a me confessar, creio que mais de uma vez. A primeira, lembro-me como se fosse hoje, tinha eu sete annos.

Minha mãe ensinava-me todas as noites as resas da confissão. Eu não as podia decorar no livro porque ainda não sabia ler e sempre fui dotado de muito pouca memoria. Em verdade, já havia um anno que alisava os duros bancos da escola. Consegui decorar as letras do alphabeto, mas não as conhecia separadamente. O professor era malvado, ao extremo, principalmente commigo e todos os meninos do meu tope. Chamava-se Florimundo e por signal era tuberculoso, não sei em que grau, mas devia ser nos ultimos, porque esti-

— Vamos, filhinho, rese!

Eu já estava era com vontade de chorar. Recomecei a resa e quando cheguei ao mesmo ponto me atrapalhei de novo. Fiz um beicinho, em concha, que começou a tremelicar. Os olhos estavam a nado. Foi o padre que terminou a oração por mim. Dahi por deante fui respondendo não a todas as perguntas que me fazia.

Outra vez eu já era rapaz feito.

— Porque não se casa, filho?

— Não posso, seu vigário!

— Qual é o seu meio de vida?

— Planto canna e pago juros.

— Tem mulheres consigo?

— Uma creada.

— Nova ou velha?

— Trinta annos, mais ou menos.

— Preta ou branca?

Creoula, seu vigário.
Onde mora?
Na Cacimba de Baixo.
Porque não a manda p'ra confissão?
a ultima vez que me confessel. Conti-
entretanto a ouvir as missas dominguei-
Para falar a verdade, eu ia menos com o
lo nas santas do altar que nas de carne
o. De cerimoniaes religiosas nunca entendi
nenhuma. Todas ellas são ditas em la-
essa lingua nunca foi commigo.
quanto isto, eu havia fumado um ci-
e me transportado machinalmente para
tro lado do adro. O sol era o mesmo de

REDIVIVA

Por ti gosei o ardor de todas as victorias,
senti na alma o clarão de todos os fulgôres.
Teu beijo deu-me tudo: espasmos, hymnos, glorias,
alegrias e sons, perfumes e esplendores.

Por ti foi que venci nas luctas mais inglorias
e da coragem tive os estos redemptores,
vendo em meu grande sonho as visões incorporeas
da Graça e da Illusão entre aromas e flores.

Foste o idolo risonho, a imagem de meu culto
a cujos pés estive, em silencio, prostrado
sem escutar da vida o continuo tumulto...

E ficaste immortal dentro de meu passado,
ó meu sonho de môço, ainda não sepulto!
hostia do meu amor no altar de meu passado!

PERYLLO D'OLIVEIRA

NOTAS INFANTIS



AUDIO, filhinho do sr. EDUARDO COSTA,
administrador da
Mesa de Rendas de Catolê do Rocha.

os os dias, Terra, gente, céu e passaros,
o se apresentava com o mesmo aspecto,
o, côr e modos.

missa acabou-se. Eu tomei posição e
ti-me todo nos meus próprios olhos, lem-
ndo-me do gracejo do Aranha:

— Não queres arriscar esses teus olhos de
a morta para a garota?

os devotos iam saindo aos dois e aos três,
heres idosas com trajos de espanto coa-
vam o pateo. Uma mocinha garrida de cha-
de sol na mão, passou por mim e enfiou
seus olhares pedintes nos meus olhos de

a morta. Eu ia a seguir-lhe os passos
ndo me lembrei de Filó e fiquei. Fiquei,

mandei os meus olhos atraz della. Ade-
a mocinha de chapéu de sol virou a ca-
a riu-se para mim. Quando me decidi a

— Não queres arriscar esses teus olhos de

dirigiam ella e os meus olhos, o movimento
se repetisse. Mas não se repetiu. Foi o caso
que passava muito rente a mim o Aranha,
cosido com uma pequena que era um cartuxo.
Iam cochichando palavras que só podiam ser
de amor.

Eu já estava desapontado de esperar por
Filó. Desesperei enfim e fui passear os olhos
pela igreja. Nem Filó nem mais coisa nenhuma.

Havíamos combinado na vespere um encon-
tro para depois da missa. Era o primeiro que
ella me promettia. Muitos outros eu havia so-
licitado mas não puderam ser. Filó foi quem
marcou o lugar e a hora. Quando me vi só
agarrei em mim e dirigi-me para o becco onde
havia entrado a mocinha do chapéu de sol.
Em caminho lembrei-me que Filó podia ter
ficado a fazer orações nalgum canto de altar.
Voltei. O sacristão já estava fechando a igreja.
Desandei novamente e enfi-me no becco. Na
primeira rua em que sahi corri os olhos e
não vi nada. Apanhei um bonde que vinha se
saculejando em quatro rodas quadradas e fui
indo com um olho em cada lado da rua.
Como estivessem desertas, imaginei que a mo-
cinha do chapéu de sol devia ter tomado
a direcção opposta. Deixei o bonde e voltei a
pé. Entro aqui, saio acolá, quando dei com-
migo estava na porta de Filó.

— Filó está?

— Não, senhor, saiu agora mesmo a pas-
sear.

— Só ou acompanhada?

— Com uma mocinha de chapéu de sol.

Tomei o caminho de casa e nesse dia não
sahi mais.

DA SILVA E MELLO

O PROBLEMA DAS HABITAÇÕES NA
ARGENTINA — O Conselho Municipal de
Buenos Aires passou um decreto que tem por
Não, senhor, saiu agora mesmo a pas-

ocupados por estruturas velhas e inadequa-
das, servirão como sitios para construcção de
casas de residencia modernas. A Municipali-
dade cederá taes propriedades durante um pe-
riodo de 25 annos, sem exigir nenhum aluguel
ou remuneração. As terras serão subdivididas
e cedidas a concessionarios, que terão a obli-
gação de ali construir casas representando pelo
menos duas vezes o valor do terreno, e que
deverão pagar um deposito de 10% do valor
do lote construido. Este deposito será confis-
cado se a construcção não começar até três
mezes depois dos planos terem sido approva-
dos. As casas devem estar promptas até um
anno e meio depois do começo das obras.
Uma vez terminada a collocação do telhado
effectuar-se-á a restituição do deposito. Durante
um periodo de cinco annos as casas serão isen-
tas do pagamento de impostos communs, taes
como os de lux, concertos de estradas, etc.,
applicando-se esta isenção somente ás casas
que forem construidas em 1922 e 1923.
Os concessionarios não devem cobrar um alu-
guel superior a uma somma representando
mais de 9% de lucro sobre o capital empre-
gado na construcção da casa, e devem pagar
para a conservação da mesma. Ao cabo de
vinte e cinco annos as casas tornam-se prop-
riedade da Municipalidade, não cabendo ao con-
cessionario indemnisação de especie alguma.

PELA TEMPERANÇA — O governo da
Baviera resolveu combater os excessos na ali-
mentação e nas bebidas. Para esse fim foi
apresentado á Diéta um projecto punindo os
glutões com multas até 100 mil marcos na
primeira contravenção, e prisão por cinco an-
nos em caso de reincidencia. Os estrangeiros
residentes em Baviera não ficarão isentos da
lei. Os restaurantes que protegerem os glu-
tões ficarão também sujeitos a penalidades

CARLOS D. FERNANDES

LIVRO DAS PARCAS

A VENDA NA CASA ANDRADE

CASA KODAK

Artigos para Photographia,
Machinas, Cartões, Chapas,
Drogas e Papeis.

*A photographia está a mão de todos,
até creanças podem hoje, com
as machinas novas, tirar retratos,
e manipular chapas e films.*

MACHINAS PARA FILMS DESDE 20\$000

A coisa mais agradável para os parentes pos-
suir retratos de seus filhos desde
primeira infancia.

A casa tem pessoal habilitado para revelar e tirar provas de
todos os Films e Chapas por preços modicos.

CAIXA POSTAL - 19

RUA MACIEL PINHEIRO N. 29

PARAHYBA DO NORTE

Ford

O AUTO UNIVERSAL

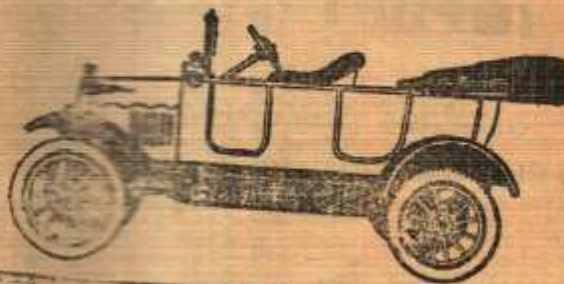
Fuente 5 passageiros	5:50'S
Caminhão, classis	5:400\$
Tractor, Fordson	8:000\$

Officina completa para concerto
e estufa para pintar

Venda de peças legítimas FORD

Agencia Ford — MO. TEATH & C.

Filial Parahyba — RUA MACIEL PINHEIRO



ANTONIO BOTTO Advogado

Advoga no civil, crime e commercio, accel-
tando trabalhos para o Interior.

Expediente das 10 ás 16 horas

ESCRITORIO NO PALACETE DA JUNTA COMMERCIAL — PARAHYBA

ANTONIO BOTTO Advogado

Expediente das 10 ás 16 horas

ESCRITORIO NO PALACETE DA JUNTA COMMERCIAL — PARAHYBA

CASA POPULAR

de L. DONIZETTI & Comp.

Completo sortimento em fazenda, miudezas, perfumarias, roupas, etc. - Especialidades em chá, cas de palha, ultimas novidades, gravatas, camisas, phantoms, cretones, morins e outros artigos para homens, senho-as e creanças. - Preço reduzidos.

Matriz: Rua Beaurepaire Rohan, 267.

Filiaes: Rua da Republica ns. 654 e 456.

PARAHYBA DO NORTE

BAZAR PARAIBANO

GUARABIRA



FILIAL EM PARAHYBA:

7, Rua Maciel Pinheiro, 7.

Completo sortimento de LOUÇAS E VIDROS

PREÇO RESUMIDO

Hermenegildo P. Cunha

GRANDE EMPORIO

de chapéus, de todas as qualidades, para homens e creanças.

CASA PENNA

O melhor sortimento em gravatas, collarinhos, meias, camisas e pe fumes.

Depositaros dos melhores fabricantes de calçados

Rua Maciel Pinheiro 88 - Parahyba

LEGITIMOS

Bandolins Napolitanos

RECEBEU A

CASA VESUVIO

DE

VICENTE RA. TACASO & COMP.

Rua Maciel Pinheiro N. 133

"A ELITE"

LINS & MONTEIRO

CASA DE MODAS

Rua Maciel Pinheiro - 211

PARAHYBA

ALFAIATARIA ZACCARA



ELEGANCIA
E

PERFEIÇÃO

ULTIMA MODA

Sob a direcção criteriosa de habéis cortadores italianos

ZACCARA & C.

Rua Maciel Pinheiro - 176 e 180

PARAHYBA DO NORTE

QUER SER FELIZ?

TODOS OS SEUS DESEJOS SERÃO REALIZADOS EM MENOS DE 10 DIAS!

Terá sorte no jogo, loterias, amor, emprego, commercio, viagens, exames, concursos, amizades, bom casamento, reconciliações com esposas, amantes e inimigos.

Enviar o nome e endereço com envelope selado para resposta.

PEDIR À CAIXA POSTAL, 38.

ESTADO DO RIO - NITHEROY.

Tenha pena de sua esposa
e de seus filhos

Tome o ELIXIR "914"

Em cada 10 nascimentos, 9 crianças nascem mortas quando os paes são syphiliticos. Evita-se a mortandade tomando o ELIXIR "914". 95% dos abortos provêm da syphilis. O ELIXIR "914" evita os abortos. De cada 100 individuos com syphilis 90 estão propensos á tuberculose. O ELIXIR "914" é um tonico poderoso contra essa terrivel molestia. Tratar a syphilis sem injeções e sem atacar o estomago é o tratamento ideal. E isso só se consegue usando o ELIXIR "914". O ELIXIR "914" é usado nos hospitais e receitado pelos grandes especialistas em syphilis. Não ataca o estomago, não contem iodureto. Agradavel como um licor.

Depositarior: GALVÃO & Cia.

AVENIDA S. JOÃO N. 145

S. PAULO

NÃO HA MAIS MORTES

EM CONSEQUENCIA DE HEMORRHAGIAS
NOS PARTOS TOMANDO A

"Fluxo-sedatina"

15 dias antes de dar a luz. Evita as dores dos partos, corta as hemorrhagias antes e post-partum. Cura colicas uterinas em 2 horas, regula os periodos e cura todas as doencas do Utero, Flores Branca, Inflamações dos ovarios. Suspensão das regras e todos os males que atacam a mulher. A «FLUXO-SEDATINA» é a salvação das senhoras. Está sendo usada em todas as maternidades do Brasil.

Recommenda-se aos medicos e parteiras.

Em todas as Pharmacias e Drogarias

Depositarior: GALVÃO & C.^{IA}

Av. São João, n. 145.

S. PAULO